



# Relações etnográficas: interlocuções

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Vitória Brasileira

Por quem somos recebidas em campo? Como encontramos nossas interlocutoras, nossos interlocutores? Como os reconhecemos?

vinheta de abertura

Antes de tratar do tema do episódio de hoje, queria compartilhar com vocês que nosso podcast não terá mais data fixa de publicação, que era até agora a última sexta-feira do mês. É que não quero continuar considerando tempos e calendários externos para fazer algo que é tão subjetivo e tem seu próprio tempo. Já sei como é fazer desse modo, e quero experimentar algo diferente disso.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



Assim, os episódios poderão ser publicados em frequência maior ou menor que uma vez ao mês, vai depender do contexto, do tema, das circunstâncias. Se vocês gostarem de ouvi-lo, peço que o sigam no Spotify, onde vocês terão notificação de um episódio novo. Também nossa página no Facebook, agora também no Instagram (@sensibilidades.antropologicas), além do sítio eletrônico [poeticasdaterra.org](http://poeticasdaterra.org). Por esses meios também vamos divulgar os novos episódios.

Bom, vamos então à prosa de hoje...

O tema das relações em campo e dos encontros ou desencontros com os sujeitos com quem realizamos nossas pesquisas é constitutivo da antropologia.

E está sempre presente, de forma menos ou mais evidente, nos trabalhos que a gente elabora.

As pessoas se tornam nossas companheiras de pesquisa, digamos assim, por razões diversas. Muitas vezes são especialistas ou



têm grande envolvimento com o objeto ou questão que mais nos interessa. Podem ser indicadas por outras pessoas, e a partir desse contato, a gente pode ficar até mais próximas delas do que de quem as apontou.

A gente pode também construir relações com pessoas que não necessariamente têm um conhecimento especializado da nossa temática principal de pesquisa. Mas temos afinidades com elas, ficamos confortáveis na presença delas, a conversa flui, ou o silêncio não incomoda.

Nossa faixa etária, gênero, ou classe social também têm seus efeitos nas relações que a gente constrói em campo – efeitos que variam conforme o contexto etnográfico.

Quando eu fui fazer campo pela primeira vez, não sabia bem como eram essas “relações etnográficas”. E me surpreendi, de alguma forma, ao perceber que elas replicavam modos de relação que eu já conhecia, em outros contextos.



Foi o que me disse certa vez minha orientadora, Marcela Coelho de Souza, numa conversa que a gente teve quando eu estava em campo. E de fato: a gente vai ter mais proximidade com algumas pessoas que com outras... vai conversar, com cada qual, diferentes assuntos... Cada um e cada uma vai nos apontar elementos variados, e a seu modo – uma forma de narrar, a memória prodigiosa, uma maneira peculiar de destacar detalhes...

Existem relações entre pesquisadores da área e interlocutores que seguem por toda uma vida. Outras são mais pontuais, localizadas em uma experiência específica de pesquisa.

De toda forma, são essas pessoas que nos recebem, e nos conduzem, pelo campo etnográfico. Somos guiadas, em grande parte, pelos olhares e passos delas, às vezes literalmente.

Nesse sentido, lembro de um texto do antropólogo e etnomusicólogo Anthony Seeger em que ele conta como começou a trabalhar entre o povo indígena Kisêdjê, então chamados Suyá. Compartilho aqui um trecho:

*Sensibilidades Antropológicas  
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



“Retrospectivamente, dou-me conta de que, de certa forma, fui criado pelos Suyá. Quando lá chegamos pela primeira vez, trataram-me como uma criança - o que eu era, já que não sabia falar ou ver como eles viam. Levei meses, por exemplo, para ver a sombra ou as ondulações de um peixe rápido na água e para atirar com presteza para atingi-lo com a flecha. Não sabia distinguir os sons que os Suyá ouviam, pois não os entendia e sequer os conhecia. No início, não me deixavam fora de vista. Nunca saí sozinho numa canoa e nunca vaguei desacompanhado pela floresta, embora caminhasse pelas roças. Aprendi a pisar exatamente onde eles pisavam para evitar pôr os pés em espinhos, arraias e formigueiros, e aprendi lentamente onde era bom pescar e como fazê-lo”.

No decorrer da pesquisa no Médio Jequitinhonha, trabalhei de forma mais próxima junto a dezesseis pessoas, cantadeiras e cantadores do Nove—o rito que apresentei a vocês no episódio do mês de agosto.

Eles nasceram entre 1920 e 1965 e grande parte deles é

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



aposentada como trabalhador rural. Os mais novos contam com o provimento da colheita de pequenas plantações, e alguns costumam prestar serviços como o de pedreiro ou faxineira. Alguns deles, infelizmente, já partiram.

Junto a cada uma e cada um foi delineada uma relação, construimos uma vinculação específica, modos de troca particulares.

E aqui nesse episódio, além de falar da questão mais ampla das relações em campo, trago um pouquinho – em apenas algumas palavras – do que me evocam cada uma das pessoas com quem mais convivi naquele período. Muitas das quais, como já contei a vocês, presentes na minha vida até hoje. Esta é então uma espécie de saudação, agradecida, a elas e eles.

Meu nome é Valéria de Paula Martins, eu sou antropóloga e professora na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.



Se quiser comentar, partilhar algo ou trocar ideias, fique à vontade para entrar em contato conosco pelo endereço eletrônico [sensibilidadesantropologicas@gmail.com](mailto:sensibilidadesantropologicas@gmail.com)

som de vento soprando  
música suave  
volume abaixa enquanto narração inicia

Sr. Deca Rodrigues, como me ensinaram, é o cabeça do Nove. Violeiro, fala as quatro vozes do quarteto. É presença, âncora, norte. Perspicácia, sagacidade, graça. Me ensinou coisas demais e boa parte do repertório que conheço do Nove.

D. Antônia Alves, minha querida companheira, anfitriã de dias tantos... De acolhimento firme, lembrança vasta, doçura discreta. Fez 84 anos esses dias. Ao telefone, me disse que sente tanta saudade de mim. E eu sinto tanta saudade dela.

D. Ana é irmã de Sr. Deca, prima de Dona Antônia. Aprendeu a

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



cavaquinho, e a observar um silêncio sereno. Quebrado quando ela compõe as fileiras do Nove, e canta.

Ela canta sempre ao lado das filhas Neide e Luca. Neide, que pega emprestadas as águas do rio para molhar as plantas da horta, às margens dele. Luca, do brinco vermelho, o sorriso gentil, a voz de cigarra, tão valorizada no brinquedo.

Sr. Roxo Mota e Sr. Bidu são irmãos. E vizinhos dos Rodrigues e Alves – Sr. Deca, D. Ana, D. Antônia – na infância de todos eles. Participavam juntos das festas que duravam dias, embaladas pelos brinquedos de viola. As famílias passaram a compor uma série de relações de parentesco, compadrio, que seguem através das gerações.

Sr. Roxo era carapina – carpinteiro - de mão cheia, me dizia com alegria que havia construído grande parte dos móveis da casa em que habitava, inclusive as portas. De voz doce, falava o contrato no quarteto do Nove. Sr. Bidu foi vaqueiro durante boa parte da vida. É violeiro, cantador, e me contou boas histórias ao lado do





amigo Manoel Maceda, querido cantador e contador de histórias, destinatário de uma carta sonora aqui no podcast.

Sr. Zé Concebido, concunhado de D. Ana, tem uma das falas mais poéticas que já ouvi. Ele fala poesia. Me ensinou, entre outras coisas, que o Nove foi batizado pelo Divino Espírito Santo no princípio do mundo.

Sr. Valdomiro era um grande cuidador da terra e de tudo o que ela faz nascer. Violeiro respeitado, cuidou também de Nair, uma de suas filhas e cantadeira exímia, poderosa jogadeira de versos nos brinquedos de viola.

Toninho é compadre de Nair. É multi-instrumentista e violeiro mais novo, que acompanha os mais velhos no Nove, além de cantador.

Sr. Tião Paulino viveu até os 100 anos. Fala doce, prosa mansa. Era amansador de burro bravo. Falava o contrato nos brinquedos do Nove.



Sr. Bernardo, como ele me dizia, tinha um computador na cabeça. Sabia, por exemplo, os dias da semana em que caíram ou cairiam os dias do mês, e me mostrava orgulhoso essa proeza, pedindo para eu falar alguma data. Era violeiro, cantador de voz forte, e trazia muita alegria às noites de brinquedos.

Sr. Santos Chagas era dono de uma venda em Jenipapo de Minas que tinha um salão onde brincávamos o Nove. Solícito, amigo. Era da comunidade do Bosque, cujos moradores já tinham estabelecido uma série de relações de reciprocidade, aliança e compadrio com os moradores da Lagoa da Chamexuga – as famílias do Sr. Deca, D. Ana, D. Antônia.

Em certo momento da pesquisa percebi que os Noves alternados entre Machado e Jenipapo de Minas – Machado próximo à região da Chamexuga e Jenipapo próximo do Bosque, ambos lugares atuais de moradia de muitos dos cantadores e cantadeiras, esses Noves alternados eram uma forma de atualização das remotas relações de reciprocidade entre as comunidades onde tinham nascido esses cantores.



Com Zé Aécio Macedo, de uma família de especialistas em Nove, aprendi a cantiga da menina de Diamantina, rima bonita, canção belíssima. Recorro a ela quando sinto saudades de alguém.

E finalmente Dona Gê, Geralda Martins. Eu já a conhecia antes, no trabalho que tinha realizado na região, como contei no episódio dois. E apesar de ela não ter sido interlocutora como cantadeira de Nove, foi uma grande companheira de pesquisa e anfitriã querida. É parteira, benzedeira. Conhece o tangível e o intangível. E pra mim sempre foi lugar de descanso, amor e risadas.

Meu coração é habitado por todas essas pessoas. E ainda pelo Sr. Tota, D. Sebastiana, Sr. Eurico, Sr. João da Lagoa, que conversaram comigo sobre questões específicas da pesquisa. Nele habitam também minhas anfitriãs e anfitriões em Machado - D. Diva, Maria e familiares -; em Jenipapo de Minas - Orlinda,



Cíntia e toda a família; D. Antônia, Gugu e familiares, que me receberam tanto em Machado quanto Jenipapo; e Sr. Deca e família, meus anfitriões em Araçuaí. Ainda habitam meu coração os familiares de todas as cantadeiras e cantadores, e todas as pessoas que me receberam na querida comunidade de Machado e também Jenipapo de Minas. Araçuaí também está inteira no meu coração. Também, os familiares de todas as cantadeiras e cantadores.

A todas elas e eles, obrigada, obrigada.

volume do som de vento aumenta, depois abaixa  
volume da música abaixa  
vinheta de encerramento